

## UM LIVRO

Quem sou eu, Joaquim, meu primo, para tentar alguma crítica, embora ligeira, a esse livro "Águas Passadas", de Costa Rego? No *Correio da Manhã* ocupo, em letreirinha espremida, um meio de coluna aqui pelo meio da página, enquanto ele se espraia nos altos, à direita, em duas colunas corridas. Sabe você, Joaquim, que eu não levaria em conta essa hierarquia da paginação se ela não tivesse fonte e razão na outra, que é a da cultura e do merecimento. E por que não aludir também à idade? "Más sabe el diablo por viejo que por diablo", diz-se em Espanha; e eu já vou chegando à idade em que tendemos a achar razão em provérbios tais, que antes nos pareciam tolos.

Li em um só dia essa coletânea de artigos, crônicas e discursos que, pela metade, eu já conhecia a vajejo. É uma leitura tão agradável que não há quem a não faça com facilidade. São águas correntes e limpas, em que a gente se deixa navegar. Leva-se pouco tempo na leitura; mas sempre se tem a impressão, ao cabo, que a viagem foi lenta e serena. Creio que na cadência de seu estilo há uma certa pachorra, que lhe dissimula a ronha; ele nos leva para onde quer, sempre com o ar de quem vai se deixando ir. É discreto na elegância, e fino de quilate; seu humor varia da rabujice ao lirismo, sem chegar de todo a um nem a outro. Vejam seu desgosto diante dos casais que fazem "camping" nos arredores de Paris e seu gosto para as mulheres do Alentejo.

Essas crônicas de Portugal me parecem as suas melhores. Pena que, por delicadeza (só pode ser delicadeza), tenha ele fugido ao exame de certas coisas, como quando deixou de perguntar, a um português, se ele tinha mais gosto pela liberdade ou pelo carapau a dois tostões. Talvez lhe respondesse o português que não há que escolher entre a liberdade e os carapaus. Ambos escasseiam ou se tornam demasiado caros quando o regime é o dos grêmios; grêmios que afinal são o Estado e são ao mesmo tempo o comércio, ou a parte mais feliz dele; e graças ao qual se abarrotam os chicharos que, como você sabe, Joaquim, são carapaus grandes. Mas não vamos falar de tubarões, nem de política, que por aí não nos entenderemos.

O que me importa sobretudo neste livro é a qualidade da escrita, sempre de primeira; é essa invejável clareza, essa harmonia, essa precisão, essa cadência de mestre. O que tudo parece o espelho de uma qualidade interior, que é uma sensualidade tranqüila, tanto material quanto intelectual, o fino gosto pelo debate das idéias e pelo almôço (tenho saudades, também andei por lá) da Outra Banda ou de Pouilly.

Li-o ontem, um dia que passei em casa, com gripe. Não m'a curou, mas sempre penso que me deixou mais leve a cabeça, e me deu o conforto que nos vem das coisas boas. E olhe, Joaquim: companheiro bom em dia de gripe é companheiro bom mesmo.

15/11/52

R. B.

189